

LÉXICO TERMINOLÓGICO NO CANTEIRO DE OBRA: \\INTERAÇÃO E VARIAÇÃO

Cleide Lemes da Silva Cruz – CEFET/MT

0 Introdução

O uso de determinado termo técnico pode influenciar na interação entre os sujeitos que trabalham na construção civil. A escolha do léxico especializado muito tem a ver com o entendimento para que determinada ação aconteça efetivamente no canteiro de obra.

Maciel (1998) entende a linguagem de especialidade como um repertório lingüístico usado pelos especialistas de áreas técnicas, científicas, artesanais e ocupacionais. É um uso da língua em uma situação comunicativa especializada e não um sistema de comunicação. São os termos, isto é, as palavras técnicas, os primeiros traços que saltam aos olhos do leitor que se depara com um texto técnico ou científico. Conseqüentemente, logo à primeira vista, são os termos que revelam a especialização e que caracterizam imediatamente a linguagem de especialidade.

O termo é o item tematicamente marcado que se constitui na unidade lexical da linguagem de especialidade, assim como a palavra é a unidade da língua geral ou comum. Termo e palavra compõem a competência do falante ideal, competência geral, quando comum a todos e/ou competência específica, quando própria de determinado grupo de falantes. O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua, (BIDERMAM, 2001).

Krieger e Finatto (2004) afirmam que a importância do processo denominativo para as atividades de conceituação explica, assim, o papel das terminologias na fixação e na circulação do saber científico e técnico. Onde o sentido da afirmação de que “para os especialistas, a terminologia é o reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade, e um meio inevitável de expressão e comunicação profissional”, Cabré apud Krieger e Finatto, (2004).

O léxico temático configura-se, portanto, como um componente lingüístico, não apenas inerente, mas também a serviço de comunicações especializadas, posto que os termos transmitem conteúdos próprios de cada área.

A motivação dessa pesquisa partiu de relatos de alunos do curso técnico em Edificações do CEFET-MT, que atuam na área, como estagiários ou mesmo funcionários de empresas de engenharia e construção. Tais relatos sugeriam que havia duas linguagens no canteiro de obra. Uma técnica – utilizada por engenheiros e arquitetos – e outra, comum – utilizada pelos operários da construção, serventes, pedreiros, azulejistas, concreteiros dentre outros.

A variação ocorre da interação no momento de comunicação, seja, via oralidade, seja, via escrita. Esta última em menor incidência.

1 Fundamentação Teórica

Um termo é uma unidade de características lingüísticas similares, utilizada em um domínio de especialidade. Neste ponto de vista, uma palavra que forme parte de um âmbito especializado seria um termo, (CRUZ, 2008).

Para Wüster *apud* Krieger (2001) uma unidade terminológica consiste em uma “palavra” à qual se atribui um conceito como seu significado, ao passo que para a maioria dos lingüistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo.

Krieger *apud* Krieger e Maciel (2001) afirma que a compreensão de uma unidade da língua, enquanto termo está fundamentada no papel da dimensão conceitual do signo lingüístico que responde pelo “conteúdo especializado”.

O nome é o objeto mesmo da terminologia: com efeito, um nome definível no interior de um sistema coerente, enumerativo e/ou estruturado, é um termo; o conteúdo de sua definição

correspondendo a uma noção (conceito), analisável em compreensão. (REY apud KRIEGER e MACIEL, 2001).

As técnicoformas, em particular, são termos de uma área de especialidade onde os movimentos de vocabulário entre línguas acompanham a importação da produção científica e técnica.

Faulstich (2001) defende que a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o mesmo termo é usado. Afirma ainda que “a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social”.

Segundo Cabré (1993), "estudiar una materia equivale a aprender los lenguajes de esa materia". Este saber é um conhecimento dos pontos de vista específicos que orientam um modo próprio de explicar e interpretar a realidade. Na ausência das linguagens de especialidade, "sabemos o mundo" segundo o que nos dita a linguagem natural, inserindo-nos no senso comum. No entanto, não é apenas com o recurso à linguagem natural que se introduz a indeterminação conceitual. Saber o mundo através de um conjunto de termos sem consistência conceitual, provenientes, por exemplo, de diferentes áreas, na ausência de normalização, equivale a ter em mãos vários fragmentos que, se juntados, não fazem sentido ou o fazem à custa de muito esforço. Em larga medida, portanto, o conhecimento e a compreensão de uma área de conhecimento vinculam-se ao domínio da linguagem desta mesma área. O núcleo específico de uma linguagem de especialidade é seu vocabulário, que normalizado e organizado semântica e logicamente constitui a terminologia da área, Cruz *apud* Cruz (2007).

2 Referencial Metodológico

O objeto dessa investigação é o termo presente nos discursos técnico e vulgarizado no ambiente do canteiro de obras de maneira a observar como se dá a variação do léxico especializado, por meio da coleta dos termos, e com base no movimento por que passam os termos que se referem à área de construção civil. Para os propósitos de nossa pesquisa, utilizamos como critério de seleção de dados a escolha de termos que eram usados em contextos em que, de uma forma ou de outra, referiam-se à construção civil.. Adotamos, inicialmente, algumas posturas metodológicas previstas por Faulstich (1995) para o trabalho socioterminológico, a saber:

- a escolha de áreas específicas para a organização do *corpus* do trabalho;
- a delimitação do *corpus*;
- a adoção de critérios e categorias para a análise do tipo de variação apresentada pelas unidades selecionadas.

Também se encontram em Faulstich (1997) os pressupostos teóricos, de base funcionalista, que sustentam a análise do funcionamento de algumas unidades terminológicas do *corpus*, no intuito de se verificar o papel da predicação na formação das unidades. Considerou-se, portanto, que as unidades simples (UTS) compõe-se de uma única base e as unidades complexas (UTC) compõe-se de uma base, a qual, por meio de adjunções ou complementações, recebe predicadores, interpretados como designadores de propriedades ou relações.

Entende-se que a variação terminológica na área da construção civil, serve de suporte para essa nova interpretação que se vem desenvolvendo sobre variação terminológica. Visto que, nos recentes estudos sobre terminologia, o termo perde cada vez mais sua característica de entidade unívoca, em favor de uma interpretação variacionista, que considera as diversidades de comunicação entre pessoal de direção, de setores administrativos, de setores de pesquisa, de produção e de comercialização dentro das empresas o meio mais adequado para a descrição dos termos científicos e técnicos.

2.1 Fonte dos dados

Para que a análise e a discussão do processo de variação – que ocorre nos mais diversos campos do saber – tivesse êxito, foram selecionadas como fontes de dados as seguintes obras: textos documentais, que respaldem o linguista de informações fidedignas. Estes documentos devem ser de base e auxiliares, tais como: resumos de projetos de pesquisa da área específica, relatórios da pesquisa em curso e concluída, além de dissertações, teses, periódicos especializados, revistas especializadas, dicionários entre outros.

2.2 Critério para recolha dos dados

Os critérios para a recolha e organização dos dados das obras selecionadas são do tipo extralingüístico, lingüístico e de rejeição¹.

- 1) **Critério extralingüístico:** que sejam recolhidas unidades terminológicas simples e complexas, doravante UTS e UTC, que remetessem à área da construção civil em geral.
- 2) **Critérios lingüísticos:**
 - a) que as UTS e UTC sejam unidades nominais;
 - b) que o enunciado definitório correspondente às unidades selecionadas seja constituído por uma frase (paráfrase ou perífrase) e delimitado por ponto-e-vírgula ou ponto final;
 - c) que seja considerado como hiperônimo a palavra ou sintagma que ocupa a posição de hiperônimo e que geralmente inicia a definição;
 - d) que sejam incluídos, após o enunciado definitório, sinônimos, variantes, equivalentes das unidades ou conceitos conexos, quando houver.
- 3) **Critério de rejeição:** que não sejam selecionadas UTS e UTC que não remetam à área da construção civil..

3 Variação em Terminologia

Faulstich (2001) considera que as *variantes são resultados dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica, faz do termo*. E ainda que, *para descrever terminologias em variação, é necessário ter em conta qual é o padrão de língua que está sendo considerado*.

Explica-se a ocorrência da variação pelo fato que a *unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência*. Resulta que o termo será funcional dentro de uma linguagem de especialidade, porque assumirá uma função específica de determinado valor, de acordo com o contexto de uso.

O processo da variação se dá dentro de um construto teórico em que variáveis produzem variantes que funcionam nas línguas de acordo com as lacunas que elas venham a preencher.

E desse raciocínio surgem três pólos de variantes: as *concorrentes*, as *coocorrentes* e as *competitivas*.

3.1 Interação e variação

O momento sócio-interativo entre locutores propicia a variação, posto que a língua é viva. Dessa forma, interessa-nos verificar como a adoção motiva a formação de termos vernáculos equivalentes, que, por sua vez, produzem novas formações tanto do ponto de vista da forma como do significado.

Como todas as unidades lexicais, os termos não ocorrem isoladamente, mas combinados com outras unidades do discurso, entrando em estruturas sintáticas específicas, combinatórias, expressões

¹ Cf. em Silva, Regina M. F. F. *Terminologização e lexicalização: proporcionalidade e divergências*. Dissertação (Lingüística) – Universidade de Brasília, 2003, p. 98 e 99.

idiomáticas, ocorrendo em frases onde desempenham determinadas funções. Por outro lado, as unidades lexicais especializadas não ocorrem em discursos artificiais, sempre do mesmo tipo: tal como qualquer língua está sujeita a variação (no tempo, no espaço, na sociedade), também os termos científicos e técnicos estão sujeitos a essa variação.

Eugen Wüster² defendia a tese de que a terminologia não deveria acolher ambigüidades realizadas por denominações plurivalentes (termos homônimos e polissêmicos) e por denominações múltiplas (termos sinônimos). Segundo essa perspectiva, interpretavam-se como anômalos os casos que gerassem ambigüidades e motivassem a variação. Para ele, “*variação lingüística era toda perturbação da unidade lingüística*” que se caracteriza pelo aparecimento de sinônimos ou homônimos de variação e que a variação poderia ser eliminada por meio da normalização dos termos, que eram considerados unidades unívocas e monorreferenciais, dentro de uma área de especialidade.

Faulstich (2001) defende que a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o mesmo termo é usado. Afirma ainda que *a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social.*

Cabré (1993) também postula que dentro da linguagem de especialidade há distintas variedades, e destaca a importância de se investigar em que caso se dá esta variação e, assim afirma:

(...) todo lenguaje de especialidad, en la medida en que es un subconjunto del general, participa de sus mismas características; se trata, pues, de un código unitario que permite variaciones (...) La variación de los lenguajes de especialidad sigue los mismos criterios de diversificación sistemática referidos a la lengua general: las modalidades dialectales, los registros y las variedades estilísticas. Em efecto, los lenguajes especializados, por el hecho de ser subcódigos del lenguaje general, participan de sus mismas modalidades dialectales y funcionales – aunque de forma más restringida – puesto que la función comunicativa es la prioritaria entre especialistas.

A exemplo do que postula Cabré temos os termos: *outão, oitão e eitão*, Cruz e (2008). Dizemos que o termo – outão – se encaixa na variante do tipo temporal, pois é um termo que foi descrito assim em 1703 e a partir de 1881, passou a ser denominado de ‘oitão’. Por outro lado, os termos ‘oitão’ e ‘eitão’ são concorrentes, ou seja, concorrem nos mesmos espaços, embora se possa afirmar que o termo ‘eitão’ seja menos usado no canteiro de obra, sendo o termo consagrado por ‘oitão’. Já o termo ‘outão’ é coocorrente, ou seja, ocorre juntamente com o termo ‘oitão’ no ambiente especializado e por outras vezes no canteiro de obra, visto aqui como ambiente de discurso vulgarizado, Cruz e Santos (2008).

Ainda analisando a variação a partir da interação e do uso das técnicoformas de tratamento, observamos o léxico ‘boneca’, esse termo data de 1867 e refere-se à área da construção e em 1957 é apresentado como sendo um *regionalismo* do Rio de Janeiro e pertence à rubrica de alvenaria. O mesmo termo pertence ao léxico comum na designação de um brinquedo para meninas. O uso desse termo provoca variação do ponto de vista do significado.

Outro termo que se encaixa na variante coocorrente é o vocábulo – varanda – que em determinadas regiões do país pode ser também denominado de ‘alpendre’. Ou seja, há um coocorrência, ora se usa um termo, ora outra, porém é preciso levar também em conta a região em que este termo está sendo empregado. Se for no nordeste brasileiro, por exemplo, a preferência se dará ao termo ‘alpendre’ e não varanda.

Considerações Finais

Desse modo, a variação em terminologia surge como contraponto à perspectiva tradicional da terminologia. Sendo a variação inerente a qualquer língua, entenderemos aqui *variação terminológica*

² Esta análise está publicada por Faulstich, E. na TradTerm, 7, 2001, p.17.

como um tipo de variação lingüística igualmente condicionada por fatores intra e extra-sistêmicos. Uma vez que a variação terminológica se dá no âmbito do uso especializado da língua por parte de uma determinada comunidade profissional, podemos distingui-la daquela que ocorre a utilização não profissional da língua.

As melhores perspectivas para uma comunicação especializada de melhor qualidade, em qualquer área de conhecimento, constroem-se também a partir do reconhecimento da naturalidade e inerência da variação terminológica como um tipo de variação lingüística. Afinal, é inevitável que, como afirma Aubert *apud* Faulstich (1995):

[...] as diferenças de ordem sócio-cultural, aliadas àquelas vinculadas ao ponto de vista e à motivação, venham a gerar usos lingüísticos distintos, introduzindo, deste modo, a variação terminológica e toda intervenção lingüística, uma vez efetivada, passa a sujeitar-se às vicissitudes sócio-históricas da comunidade e da língua no seio das quais a intervenção foi efetivada, ou seja, torna-se sujeita às instabilidades, às mutações e às transformações, no tempo e nos espaços (geográfico, social, situacional e individual) em que as terminologias são empregadas (*op. cit.*).

Uma adequada compreensão das linguagens de especialidade somente se pode dar a partir do entendimento de que os termos não existem em isolamento, nem derivam sua existência apenas de um arcabouço lógico-conceitual, mas se manifestam, circulam e exercem sua função em situação, em uso efetivo, Cruz (2005).

Agradecimentos

Agradeço a colaboração dos bolsistas do PIBICT – CEFET-MT Hevânia Priscilla Ferraz da Silva e Jean Carlos Bispo dos Santos pela coleta de dados, a dedicação à pesquisa e os comentários que enriquecem as idéias. Agradeço também ao DPPG do CEFET-MT que possibilitou esta pesquisa, através do Projeto Dicionário Terminológico da Área da Construção Civil.

Referências

- BIDERMAN, M.T.C. (2001). *Teoria Lingüística: (teoria lexical e lingüística computacional)*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes.
- CABRÉ, M.T. *La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Espanha: Antárdita/Empúries, 1993.
- CRUZ, C.L.S. *Estudo da terminologia das fibras e tecidos da área têxtil*. Brasília, UnB. Dissertação (Mestrado em Lingüística), 2005
- _____. *Terminologia: (re) aplicação do constructo de Faulstich*. Caderno e Resumos da II Jornada Nacional de Produção Científica e Profissional e Tecnológica. SETEC/CEFETMA. São Luiz-MA, 2007, p. 110.
- _____. *E-terminos: descrição, empréstimo e variação*. Profisciência: Periódico multidisciplinar do CEFET-MT. N. 3. Cuiabá-MT: CEFET-MT, jun de 2008, p. 185-198.
- _____. e SANTOS, J. B. B. *A variação das unidades terminológicas simples da área da construção civil*. In: II Jornada da Produção Científica da Educação Profissional e Tecnológica da Região Centro-Oeste, CEFET-MT, Cuiabá-MT, 2008.
- FAULSTICH, E. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Centro Lexterm, 1995. 31p.
- _____. *Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina*. Ciência da Informação, vol. 24, n.2, 1995 – Artigos.
- _____. *Da lingüística histórica à terminologia*. Investigações, vol. 7, Recife: UFP, 1997.
- _____. *Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários*. LIV/IL/UnB/Centro Lexterm. Brasília, 2001.
- KRIEGER, M.G. *Terminologia e ensino de segunda língua: Canadá e Brasil, 2001*.

KRIEGER, M. G. e MACIEL, A. M. B. *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

KRIEGER, M. T. e FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MACIEL, A. M. B. *Terminologia, linguagem de especialidade e dicionários*. In.:V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Porto Alegre, UFRGS, 1998.